



H O S P I T A L D E  
SANTAMARIA

## Uma conversa informal com o Professor Doutor Fernando de Pádua

Carlos Gamito  
[carlos.gamito@hsm.min-saude.pt](mailto:carlos.gamito@hsm.min-saude.pt)





O ambiente que decorou a nossa honrosa conversa com o Senhor Professor Doutor Fernando Manuel Archer Moreira Paraíso de Pádua, foi iluminado por uma luz muito ténue e suavemente trazida por um discreto candeeiro de secretária.

Era uma luz amarela que, talvez por ser amarela, ofereceu emoção, calor e muita saudade às palavras aqui tristemente emudecidas pela frieza deste “vidro”.

Mas foram palavras que chegaram a nós com o timbre quente da voz do Prof.

Fernando de Pádua.

Foi uma conversa informal, indiscreta, mas onde emergiram valores guardados no “baú” de quem um dia abraçou a nobre ciência médica como carreira profissional.

Foi um percurso onde todos os valores atingiram o topo da escala.

Valores dourados.

Valores de vinte nas pautas académicas e valores humanos sem escala mas pautados pela dádiva, pelo carinho e pelo muito valor do próprio Homem.

E eis que a nossa indiscrição começou em discurso directo: Senhor Professor, estaremos certos quando pensamos que abraçou a medicina por paixão? «Não, de facto não foi! Enquanto aluno de liceu sempre me empenhei em conseguir as notas mais altas, o que consegui e me permitiu poder optar por qualquer um dos cursos da

época, mas curiosamente a minha intenção era cursar Engenharia. Naturalmente que fui para Medicina porque também me sentia com forte vocação para ser médico, e como naquela altura era obrigatório o exame de admissão à Faculdade em que se pretendia ingressar, em Junho concorri para Medicina, convicto que em Outubro concorreria para o Instituto Superior Técnico. Porém, o jovem, à data, Assistente do Instituto Superior Técnico que me estava a dar explicações mais avançadas de Ciências da Matemática, foi, sem que nada o fizesse prever, chamado para ingressar no exército, o que me deixou sem explicador e sem motivação para me candidatar. De qualquer forma e como já tinha concorrido para a Faculdade de Medicina de Lisboa, entrei, e em 1950 terminei o curso».

### Estava transposto o primeiro degrau de uma longa escadaria

E diríamos nós que este terminar de curso foi muito simplesmente a transposição do primeiro degrau de uma longa escadaria no universo académico do então licenciado em Medicina, Fernando de Pádua.



Considerado o aluno finalista mais distinto do seu curso, foi-lhe por isso atribuído o Prémio Rotary Club de Lisboa, tendo depois conquistado uma Bolsa de um ano na

Fundação Rotária Internacional, o que lhe permitiu um estágio na Harvard Medical School, sob a orientação do Professor Paul D. White.

Estávamos no ano de 1953 quando o então ainda Dr. Fernando de Pádua foi graduado em Cardiologia pela Universidade de Harvard, Boston.

No ano seguinte, 1954, o Dr. Fernando de Pádua torna-se especialista em Cardiologia.

Chegado o ano de 1959, o Dr. Fernando de Pádua defende tese e é Doutorado em Medicina e Cirurgia com a “modesta” classificação de dezanove valores. Não, sejamos precisos. Não foram dezanove valores, foram sim, dezanove vírgula quatro. O vinte ficou à distância de seis décimas.

Com o sinónimo “excelente” sempre presente no percurso do Professor Fernando de Pádua, começava a desenhar-se uma carreira esculpida na alma do brilhantismo. Terminava o ano de 1963 quando, por unanimidade, lhe foi atribuído o grau de Professor Agregado de Medicina Interna, e entregue a Direcção de um Serviço do Hospital de Santa Maria.



Inúmeras datas e cargos foram, por razões não de espaço mas antes de eventual excesso de carga nas palavras, subtraídas a esta informação, mas seria impensável a omissão do ano de 1967. A década de sessenta mostrou-se coberta de anos



dourados e, em 1967, foram, por maioria, impostas as insígnias de Professor Catedrático de Medicina Interna – Terapêutica Médica, ao Professor Doutor Fernando de Pádua, tornando-se assim o Professor Catedrático mais jovem do País.

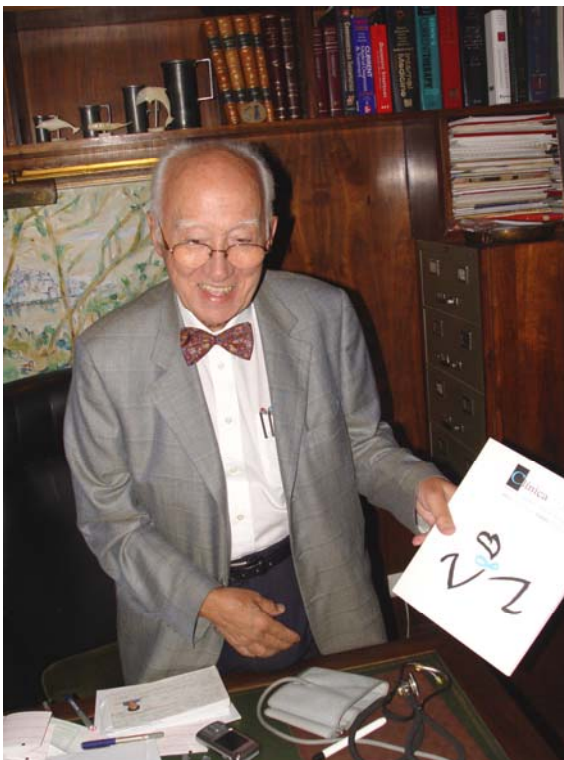
### “O senhor está à procura de protagonismo...”

A leitura destas nuas linhas de texto, pela simplicidade das expressões, conduz confortavelmente o leitor aos passos de glória dados pelo Homem, pelo Médico, pelo Professor.



Aparentemente, e só mesmo aparentemente, para além do mérito necessário, as conquistas e os degraus foram sendo transpostos sem dificuldades de maior, mas, regra geral, o tapete da glória está impregnado de aguçados espinhos. E por ser de facto assim, deixamos aqui um dos muitos desabafos do Prof. Fernando de Pádua: «Quando regresssei dos Estados Unidos da América, vinha com o saber das muitas lições que recebi do grande Professor Paul White, considerado o melhor cardiologista do século XX em toda a América, e uma das teses desse grande Mestre era exactamente “que cabe ao médico ouvir e conversar o mais possível com os seus doentes”, assim como era comum nos EUA os médicos utilizarem a imprensa para “falarem” com as pessoas em geral. Ora, eu que tinha chegado a Portugal com aquelas teorias enraizadas, entendi por bem publicar um artigo no jornal. Não imagina as condenações e as críticas a que fui sujeito. Aliás, disseram-me logo:

“atenção, o senhor não pode fazer isso. Se realmente tem intenção de fazer uma carreira académica, faça-a, mas não pense em escrever para jornais. O senhor está à procura de protagonismo, mas o protagonismo popular não abre portas a quem pretende ser professor”. Só tive uma solução, silencie-me completamente e só depois de ser Professor Catedrático – fui o Catedrático mais novo da Faculdade de Medicina, tinha trinta e nove anos – só após atingir esse grau e de ser um cardiologista de nomeada na cidade de Lisboa, as consultas no meu consultório chegavam a ter seis meses de espera, provei que já não precisava de ir à procura de protagonismo. Tinha-o todo. E aí sim, escrevi para os jornais, dei entrevistas na televisão, enfim, de forma indirecta conversei com as pessoas. Alertei as populações para os cuidados que deviam ter com a saúde. Entendo que prestei um bom serviço aos portugueses, muito embora o meu grande amigo Pedro Lisboa me dissesse constantemente: “Eh pá, tu vais é estragar o teu nome”, e eu respondia-lhe sempre: “meu querido, podes ter toda a razão, mas a verdade é que não consigo estar confinado só aos doentes do hospital e do consultório. Tenho uma necessidade intrínseca de levar as minhas mensagens às pessoas...”



E o Professor Pádua, fazendo jus às suas inatas capacidades de bom conversador, não oferecia tréguas às palavras e elas, de forma ordeira e alinhada iam-se soltando: «Creia que me aflige profundamente saber que a Medicina de hoje em Portugal é a

Medicina da doença, não a Medicina da Prevenção. Claro que actualmente já se fala muito mais nas doenças do coração, mas a preocupação dos sucessivos Governos tem sido os hospitais e as urgências, quando as urgências e os hospitais são muitas vezes o fim do caminho. É chegada a hora de olharmos para a prevenção. Aliás, essa hora, pelo atraso, já está perdida no tempo».

## O grande desgosto do Professor

A informação em formato digital, oferece, a quem veicula a notícia, uma panóplia de vantagens, mas também constitui uma “armadilha”. Isto porque o escriba envolve-se na emoção das palavras, tem todo o espaço para que as letras se espreguicem e, por saturação natural do leitor, a leitura da peça fica sujeita a um olhar na diagonal. Ora, para que o apaixonante dizer do Professor Fernando de Pádua não seja lido de forma oblíqua, vamos deixar os últimos apontamentos que de forma curiosa retratam o Homem.

O Homem que também é Médico.

O Médico que é Cardiologista.

O Cardiologista que é Professor Catedrático.

O Catedrático que quis sair da “Torre de Marfim” da Faculdade de Medicina de Lisboa e falar com as populações sobre as doenças do seu Coração.



«Se fui fumador? Fui. Fumei entre os vinte e os trinta e cinco anos, e deixei de fumar porque comecei a estudar e a entender os malefícios do tabaco. Nos anos cinquenta, descobriu-se que o fumo do tabaco provocava o cancro do pulmão. Nos anos

sessenta, ficou provado que o tabaco provocava os enfartes do miocárdio, e por aí adiante. Mas pode crer que o meu lema não passa por cuidados muito complicados. Posso dizer-lhe por exemplo que adoro manteiga, mas em minha casa não entra manteiga. Evito ao máximo as gorduras». E o Professor com o espírito de humor que o caracteriza, caricaturou: «Pode parecer ridículo, mas sempre que vou a um restaurante e me põem aqueles pacotes de manteiga em cima da mesa, claro que sou obrigado a refilar. Se não me tiram aquilo da mesa, agarro num bocadinho de pão e faço sorvetes da manteiga. Porque é que faço? Olhe, porque não resisto à tentação!». Foi este mais um momento de risos, e foram muitos momentos destes que ao longo da entrevista foram adornando a conversa. Muito ficou aqui por contar acerca da vida, da dádiva, do empenho e até da abnegação desta ímpar figura da Ciência Médica Portuguesa.



Decerto que a biografia completa do Professor Fernando de Pádua irá um dia enriquecer os escaparates das catedrais de leitura, mas nós não podíamos terminar sem mais uma indiscreta pergunta. Fizemo-la, naturalmente: Senhor Professor, se não tivesse sido o Médico que é; o Professor que deixou triste a sua cátedra aquando da jubilação, e o exemplo de Homem que o País conhece, que outro percurso de vida teria abraçado? Fez-se uma imperceptível pausa e... «Francamente não sei, mas



possivelmente e se tivesse condições, não fazia rigorosamente nada. Passeava e viajava. Por vezes penso: mas afinal para quê tanta pressão, tanta obrigação, tantas preocupações?! Mas...» E interroga-se: «Como é que se diz não?!...».

De novo uma quase imperceptível pausa, até que em tom mais apagado, talvez mais triste, soou a voz do Professor: «De toda a minha carreira médica, que como lhe disse foi integralmente feita no Hospital de Santa Maria, só guardo um grande desgosto». O tom de voz do Professor foi de novo absorvido pela palidez e: «Nunca consegui ter um grande Serviço de Cardiologia. Após o 25 de Abril de 1974, com o falecimento do Prof. Arsénio Cordeiro, convidaram-me para dirigir um Serviço de Cardiologia que juntasse as três equipas da especialidade que existiam no Hospital, mas como os respectivos responsáveis se digladiavam, não me foi possível erguer o Serviço com que sempre sonhei». E o Professor explicou: «Desde o início que o Prof. Eduardo Coelho dirigia um Serviço de Medicina que pertencia ao Hospital e à Faculdade. Simultaneamente, dirigia também um Serviço de Cardiologia, que lhe fora concedido pelo Dr. António Salazar, então Presidente do Conselho de Ministros da República Portuguesa. Este Serviço de Cardiologia era só do Hospital e tutelado apenas pelo Ministério da Saúde, sem que pertencesse ao Ministério da Educação. Tal situação provocou um terrível mal-estar dentro da Faculdade. As confusões foram de tal forma desagradáveis que me levaram a desistir da ideia e a ficar com a mágoa de ao longo de tantos anos nunca ter conseguido criar o “meu” Serviço de Cardiologia no Hospital de Santa Maria».

## Sabia que?...

Pois é, acreditamos que não saiba, por exemplo, a razão que levou o Professor Fernando de Pádua a trocar a gravata pelo laço. Nós também não sabíamos, agora sabemos e vamos dizer-lhe, só que lamentavelmente não podemos aqui transcrever as palavras do Professor acompanhadas pelo elevado momento de muitos e sonoros risos. Esses ficam só para nós. Quanto à razão, ei-la: «Troquei a gravata pelo laço porque durante o meu ano de estada na Nova Inglaterra todos os médicos usavam laço. Quando regresssei a Portugal e por ser absolutamente natural, voltei a pôr gravata, só que e talvez por estar desabituaado, não imagina o quanto a gravata me incomodava. Sempre que dava uma injeção a um doente, o “raio” da gravata embaraçava-se na agulha. Ia almoçar ou jantar, o “raio” da gravata sempre a cair no prato da sopa. Era o cabo dos trabalhos! Um belo dia aborreci-me com o “raio” da gravata e comecei a usar laço. Foi até hoje, já lá vão mais de cinquenta anos...». E

agora acrescentamos nós, para que saiba, que as cores dos laços do Professor Pádua são sempre da cor da vida.

Coloridos.

Discretamente coloridos.

E porque estamos a falar de cor e de vida, cabe aqui assinalar que o Professor elegeu o azul-turquesa em todos os seus textos manuscritos, cor também utilizada no logotipo da Fundação Fernando de Pádua, onde o Professor é representado a correr com o coração na cabeça e um laço azul-turquesa ao pescoço.

E terminámos como começámos, em discurso directo: Senhor Professor, a partilha deste momento ficará não só inscrito nos Anais do Hospital de Santa Maria, como também cuidadosamente guardado no dossier dos nossos trabalhos de eleição.

Senhor Professor, com o voto de perpétuas felicidades, colocamos-lhe as duas derradeiras e breves perguntas: o filme que reveria e o livro que releria? «O filme é eternamente “E Tudo o Vento Levou”. O livro da minha juventude, da minha adolescência, da minha já longa caminhada no trilho da vida é: “O Zero e o Infinito”, da autoria de Arthur Koestler”».

